

## A AMPLITUDE DO SIGNO LINGÜÍSTICO E SUAS MANIFESTAÇÕES DE RE-SIGNIFICAÇÃO\*

Sandra Chaves Gardellari\*\*

**ABSTRACT:** *This work aims at studying a process of a re-significance of the linguistic sign, converging on a 'dynamical interactional re-learning'. To establish the re-significance, a picture was outlined with punctual elements as follows: i) the value, originating an attributiveness process, ii) the necessity, linked to a heterogeneity process and iii) the ideologizing process, evidencing the significance of the sign essence. The research was based on the linguistic studies of Saussure (1916), Benveniste (1939) and Bakhtin (1929). Other contributions were found in works linked to the Analysis of the French Discourse of the historical-ideological current, as well as in contributions of the Linguistics of the Enunciation and Semantics. The study revealed that: i) the significance comes from a set up sense, developed from a literal sense; ii) the statement presents a discourse, permeated by voices and by means of a multiplicity of significances; iii) the sign essence reveals a sense which is ideologically marked and permeated of heterogeneities. Those elements contribute to a possibility to re-mean the linguistic sign, when the subject is able to attribute senses to a sign(B), resultant in a meaning(X1), linked to a meaning(X), of a sign(A).*

**1. Considerações gerais.** A lingüística, estudo científico da linguagem verbal humana, há muito se tornou assunto de interesse de filósofos, antropólogos, historiadores, psicanalistas, dentre outros. O século XIX é particularmente importante para a definição da lingüística como ciência, quando dos estudos das línguas indo-européias.

O século XX revela teóricos como Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky<sup>1</sup>, que são marcos para o estudo da lingüística moderna. O "Curso de Lingüística Geral"<sup>2</sup>, de Saussure, faz com que a lingüística reconheça seu objeto de estudo específico, a língua, conceituada como "sistema de signos". Ele define o signo, defende que seu valor é relativo e negativo, trabalha a língua como

---

\* Dissertação de mestrado defendida em 25/03/2002, na Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Dr. João Bosco Cabral dos Santos. A pesquisa foi desenvolvida contando com bolsa de estudos fornecida pela CAPES.

\*\* Professora do Instituto de Letras e Lingüística – UFU.

<sup>1</sup> No final dos anos 50, Noam Chomsky trás para a lingüística uma escrita formal rigorosa, contribuindo com sua 'gramática gerativa', com a formulação de hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da linguagem, que, segundo ele, se revela na existência de estruturas universais inatas – ativadas pelo contexto –, fazendo com que a criança adquira a língua.

<sup>2</sup> Obra publicada pelos alunos de Saussure, após sua morte prematura.

sendo formada de unidades abstratas e convencionais, separa a língua da fala, e faz a distinção entre sincronia e diacronia. Enfoque principal deste trabalho, a “Teoria do Signo Lingüístico” vem desafiando os pesquisadores da área. A definição, constituição e características vêm estimulando o interesse cada vez mais ávido de respostas sobre esse signo lingüístico, que atravessa os séculos com cada vez mais possibilidades de se mostrar revelador de interesses diversos de quem procura o conhecimento da lingüística.

Este trabalho tem o objetivo de estudar a teoria do signo lingüístico partindo de Saussure (1916), passando por Benveniste (1939) e Bakhtin (1929). O assunto que abordo a partir dos estudos desses autores é o da re-significação do signo lingüístico, acenando para um possível processo de re-aprendizagem diferenciada, – entendida neste trabalho como re-aprendência. Assim, inicio meu trabalho apresentando um breve apanhado dos estudos desses autores, relacionados ao signo lingüístico.

Em seguida, delimito um campo de estudo na teoria lingüística, levando, mais especificamente, à pesquisa sobre a natureza do signo lingüístico, para estabelecer possíveis categorias e sub-categorias de estudo, a fim de expor alguns encaminhamentos teóricos.

Ao elaborar essa construção procuro abordar o processo de re-significação do signo lingüístico me apoiando nas concepções teóricas dos autores supracitados, para construir uma interface que permita investigar um processo de aprendizagem.

Para tal formalização, situo-me no lugar discursivo da Análise do Discurso Francesa, mais especificamente, da corrente histórico-ideológica, partindo de um conceito de significação, passando pelo conceito de sentido e chegando no conceito de essência sêmica. Além disso, busco subsídios complementares e coadjuvantes em estudos outros, como a Lingüística da Enunciação e a Semântica.

**2. O Signo lingüístico em Saussure - A arbitrariedade.** Saussure considera que a língua torna-se alvo de crítica quando só se considera a sua nomenclatura, ou seja, o vocabulário de nomes, o léxico, porque diz respeito apenas a idéias “preexistentes às palavras”(p.79); segundo ele, “Não existem idéias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua”(p.130).

Ele ressalta que o signo lingüístico é a união de um conceito, convencionalmente estabelecido, a uma imagem acústica, que pode ser falada ou pensada (a palavra). Os dois elementos – conceito e imagem acústica – estão intimamente unidos e um reclama o outro. Em termos expostos pelo autor, o signo lingüístico é, então, composto pelo conceito (o significado) e a imagem acústica (o significante).

Apontando para as características principais do signo lingüístico, a saber, a arbitrariedade e a linearidade do significante, ao tratar primeiramente da arbitrariedade, o autor defende que:

“O laço que une o significante ao significado é arbitrário... ...o signo lingüístico é arbitrário. A idéia de “mar” não estaria ligada por nenhuma relação interior à seqüência de sons m-a-r porque poderia ser representada por outra seqüência de sons como por exemplo s-e-a” (p.81).

Ele também ressalta que, “... todo meio de expressão, (palavras, etc.) aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo” – o que é, de certa forma, uma combinação para que haja entendimento - “ou, o que vem a dar no mesmo, na convenção” (p.82), ou seja, ajuste, combinação.

Saussure entende que o vocábulo ‘arbitrário’ não deve conduzir à concepção de que o significado esteja sujeito à livre escolha do falante e ressalta que “o significante é imotivado” (p.83), isto é, significante e significado não se representam mutuamente na realidade.

Sobre a linearidade do significante, Saussure defende que ela se baseia na lógica de que o indivíduo recorre à disposição em cadeia dos signos ao fazer uso da língua falada ou escrita.

A escolha de determinado som para determinada idéia é arbitrária para Saussure. Para ele, essa união de som/idéia tem um valor relativo em relação às outras uniões de som/idéia. Em seu modo de interpretar, “a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema lingüístico.” (p.132) e ainda que, “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.” (p.132).

Em resumo, a língua para Saussure é um ‘sistema de signos’, convencionados pela comunidade lingüística. O signo lingüístico resulta da união de uma imagem acústica (significante) com um conceito (significado). É arbitrário, linear, imotivado e (i)mutável. Tem um valor lingüístico que é determinado pela contribuição do que existe em torno dele, sendo que este valor pode ser modificado quando da modificação do valor dos signos lingüísticos vizinhos. O signo não é diferente mas, distinto de outros signos. A língua é somente forma.

**3. O Signo lingüístico em Benveniste** – A necessidade se estabelece. Benveniste (1939), afirma que a teoria do signo lingüístico e, mais especificamente, a sua natureza arbitrária é uma verdade, que embora em sua época ainda não seja explícita, continua sendo incontestada.

A assertiva saussureana caracteriza a natureza do signo lingüístico como arbitrária, baseada no fato de que significante e significado não têm nenhuma ligação natural na realidade, ou seja, o significante não necessariamente representaria o significado na realidade.

Benveniste vê, aí, a falta da própria ‘realidade’ com a qual se lida, para se estabelecer o significante e o significado, ou seja, a coisa de que se fala, que, segundo ele, antes fora desprezada e é agora necessária para a complementaridade da definição de signo lingüístico.

Ele defende que o laço entre significante e significado não é arbitrário mas, 'necessário', tomando como referencial o indivíduo (grifo meu), ao ser defrontado com um determinado signo lingüístico. Em seu modo de ver, o conceito é idêntico ao conjunto fônico em nossas mentes, pois, os dois "evocam-se mutuamente em qualquer circunstância"(grifo meu, p.55) e, significante e significado são "as duas faces de uma mesma noção e se compõem juntos..."(p. 56).

Benveniste aponta para a "zona do arbitrário": "o que é arbitrário é que um signo, mas não outro, se aplica a determinado elemento da realidade, mas não a outro" (p.56).

Considerando os princípios de (i)mutabilidade do signo lingüístico, Benveniste ratifica a análise de Saussure no que se refere ao signo ser imutável porque "sendo arbitrário, não pode ser discutido em nome de uma norma razoável" (p.57) e mutável porque "sendo arbitrário, é sempre susceptível de alterar-se" (p.58).

Porém, ressalta que "não é entre o significante e o significado que a relação ao mesmo tempo se modifica e permanece imutável, é entre o signo e o objeto" (p.58). Argumenta que corte acústico e idéia são dois elementos imprescindíveis, necessários (grifo meu) um ao outro, desprezando-se a noção de arbitrariedade do signo enquanto portador de um valor.

Segundo ele, esse valor do signo, 'relativo' aos valores de outros signos que são estreitamente dependentes entre si, não pode ser arbitrário, mas necessário, pois é elemento do signo lingüístico, não arbitrário em si mesmo.

Dessa forma, Benveniste concorda com Saussure quando este considera o signo como arbitrário e, discorda em que a arbitrariedade esteja no laço entre significante / significado. Na concepção de Benveniste a 'realidade', desprezada por Saussure, torna-se necessária para que a definição de signo lingüístico seja completada.

**4. O Signo lingüístico em Bakhtin** – Para além da arbitrariedade: A ideologia<sup>3</sup>. Bakhtin (1929) inicia suas considerações sobre o signo e a ideologia, argumentando que o fundamento de uma teoria marxista da criação ideológica está relacionado aos problemas de filosofia da linguagem. Segundo o autor, "Um produto ideológico faz parte de uma realidade, ... instrumento de produção ou produto de consumo" (p.31), mas, também, revela a realidade a ele exterior.

Para Bakhtin, há um significado para tudo que é ideológico apontando para algo fora de si mesmo, daí, "tudo que é ideológico é um signo" (p.31). Ele ressalta, que a ideologia não se constituiria como tal, sem a presença

---

<sup>3</sup> Entende-se neste trabalho que a ideologia para Bakhtin se vincula à visão marxista de que existe uma separação feita entre a produção das idéias e as condições sociais e históricas em que essas idéias são produzidas.

dos signos; “Sem signo não existe ideologia” (p.31). Daí, à medida que um corpo físico é transformado em símbolo e, por conseguinte, em signo, passa a mostrar uma outra realidade sem deixar de fazer parte da sua própria realidade material.

Desse modo, para Bakhtin, existe diferença entre signo e signo ideológico; ele também fala do valor do signo, ressaltando que ao fazer parte de um universo real, sujeito aos critérios de avaliação ideológica, o signo adquire um valor semiótico ou seja, ele varia conforme a sua orientação para a realidade.

Bakhtin também argumenta que a compreensão de um signo resulta da comparação feita com outros signos, já conhecidos. Esse processo é formado por uma cadeia de criatividade e compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo, unívoca e continuamente. Essa cadeia ideológica se desdobra e se liga às consciências individuais, repletas de signos. Aparece, aqui, o fenômeno da interação social, trazendo para a consciência individual o conteúdo ideológico, semiótico.

Bakhtin dá uma outra característica ao signo, a de ser ideológico. Ele não se preocupa com a arbitrariedade do signo em si, mas com o fato de que o signo aponta para algo fora dele mesmo. Desse modo, signo e ‘realidade’ não são a mesma coisa, embora o autor dê à ‘realidade’, a função especial de influenciar a criação de ‘signos ideológicos’.

Com relação às formas dos signos, a visão bakhtiniana revela um signo resultante de um consenso interindividual em um processo de interação. Esse processo leva à uma evolução social do signo lingüístico, uma vez marcado pela época e grupo social a que esse signo pertence. Bakhtin se refere a esse consenso para argumentar a questão dos signos, enquanto elementos partilhados por uma comunidade social e lingüística de sujeitos.

Outro aspecto tratado é o do conteúdo do signo e o índice de valor que o afeta. O signo, criado no meio social, adquire uma significação interindividual, um valor social e características ideológicas. A visão teórica bakhtiniana também trata do tema do signo, ou seja, a realidade que lhe permite a formação. De acordo com Bakhtin “cada signo constituído possui seu tema” e “cada manifestação verbal tem seu tema” (p.45). Para ele, “o tema e a forma do signo ideológico estão indissolivelmente ligados” (p.45) e se tornam observáveis no “plano da palavra” (p.45).

O texto de Bakhtin também trata da luta de classes e da relevância do signo lingüístico nessa luta. Como todas as classes sociais de uma determinada nação podem utilizar a mesma língua para se comunicar, o signo ideológico passa a possuir índices de valor contraditórios, quando utilizado nas relações inter-sociais. Ainda, o entrecruzamento dessas contradições de valor é que faz com que o signo permaneça vivo, móvel e capaz de evoluir.

Ao abordar a língua, a fala e a enunciação, Bakhtin começa por argumentar que a língua é um sistema de normas rígidas e imutáveis apenas

para a consciência individual. De forma objetiva a língua é para ele, uma “corrente evolutiva ininterrupta” (p.90).

Isso nos remete ao fato de que o sujeito se utiliza da língua para a enunciação de forma concreta, ou seja, em um contexto concreto. O indivíduo, dessa forma, não se atém à norma de utilização da língua, mas à “nova significação que essa forma adquire no contexto” (p.92).

Daí, como o que importa para esse indivíduo é o contexto, o signo vai se tornando variável e flexível na medida em que este contexto é alterado e, a significação, adquire um caráter de alteridade, abandonando o de conformidade à norma. A palavra/signo é, então, compreendida em um sentido particular, orientado para uma dada situação e com um caráter de mobilidade, flexibilidade e evolução.

O contexto de enunciações precisas, evoca um contexto ideológico também preciso e remete à palavra um conteúdo ideológico. Esse contexto seria o contexto concreto no qual o enunciador se utiliza da língua, para, por meio dela, poder dar um caráter de novidade a seu ato enunciativo. Assim, determinado pelo contexto, o sentido da palavra trará consigo várias significações, dependendo de sua inserção enunciativa. Assim, a visão bakhtiniana sobre o signo lingüístico, acrescenta-lhe um caráter ideológico. O autor argumenta que o contexto importa nas diversas significações do signo que se torna flexível e variável.

**5. Algumas considerações intermediárias.** Em Saussure, observa-se uma noção de língua como sendo um ‘sistema de valores puros’ – idéias e sons – fechado em si mesmo, podendo ser modificado com o passar do tempo mas, sem a intervenção do indivíduo nessa modificação.

Para Benveniste, a língua é também um sistema de signos, tendo suas partes organizadas em uma estrutura que explica seus elementos. Ele vê, desde já, uma ‘necessidade’ que se impõe, no momento em que esses elementos necessitam ser explicados, ou seja, os elementos se definem pela sua diferença mútua, o que convém segundo ele, a toda e qualquer estrutura.

Já para Bakhtin a língua é, objetivamente, uma ‘corrente evolutiva ininterrupta’, ou seja, ela se transforma sempre e, para que isso ocorra, há que se ter outros dois elementos, a saber, o indivíduo e o contexto, no qual o sujeito se insere para que, na inter-relação com outros indivíduos, a evolução da língua se processe.

Desse modo, construindo uma interrelação entre esses três pensamentos pode-se notar que os conceitos, aqui, não são de oposição mas, de completude, ou seja, eles se completam, na medida em que acrescentamos ao ‘sistema de signos’ inicial, que pode sofrer alterações, uma noção de ‘necessidade’ de elementos que se definem pela oposição para explicar esse ‘sistema de signos’ e, a intervenção do sujeito, para que o sistema possa ‘evoluir’.

Ora, se há uma concordância de que a língua evolui, não seria razoável se concluir que o sentido de uma palavra também evolui? E o valor, 'necessário', parte da significação, também não seria um elemento influente na mudança desse sentido? Ainda, se o indivíduo, entendido como sendo elemento integrante na evolução da língua, pode nos remeter a um contexto, a uma realidade, então não existiriam outros fatores a serem observados, para que a alteração ou mudança de sentidos pudesse ser entendida como uma re-significação desses sentidos?

Nesse sentido pode-se vislumbrar um entendimento de como seria um processo de 'relação entre palavras e coisas', partindo de um signo lingüístico, convencionado por uma comunidade lingüística, com um valor diferencial, dependendo da cadeia de signos que o cerca, com uma arbitrariedade definida pelas opções de escolha desse signo em um ato enunciativo e, com o acréscimo de um valor ideológico, construído pelas relações sociais.

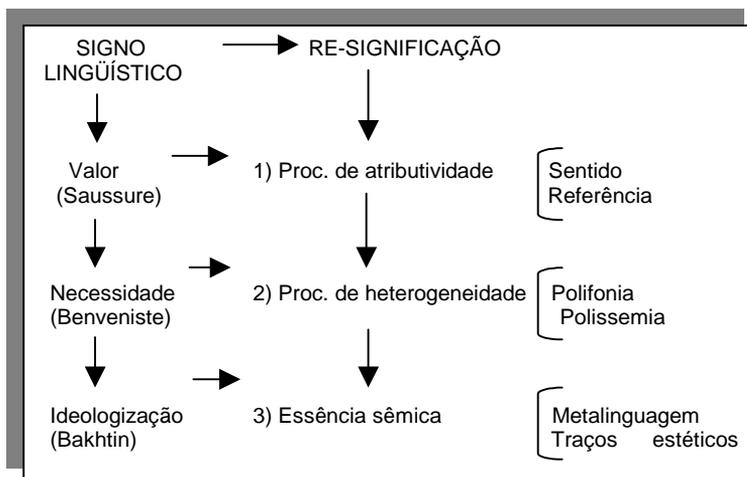
Esse 'processo de relação entre palavras e coisas' poderia, então, ser visto como tendo três variáveis, a saber, 'o valor do signo' postulado em Saussure, 'a necessidade de escolha' defendida por Benveniste e 'a ideologização do signo' ressaltada por Bakhtin.

Embora a interrelação das teorias estudadas acima possa fornecer subsídios teóricos para se pensar em uma possível mudança dos sentidos das palavras à medida que a língua evolui, tornam-se necessárias outras visões teóricas sobre o assunto, quando se pensa em respostas para as seguintes questões: a) como identificar e re-significar o sentido de uma palavra? b) a noção de valor modificaria o sentido de uma palavra? c) qual(is) seria(m) a(s) relação(ões) entre significante-significado, sentido e realidade?

Assim, tomando as variáveis, 'valor', 'necessidade' e 'ideologização', faz-se necessária a delimitação do estudo e a instauração de sub-itens a serem identificados, a fim de se reconhecer melhor, um possível 'processo de re-significação do signo lingüístico'.

Advindo do 'valor', em princípio, apresentado por Saussure, é abordo, a seguir, um processo de atributividade a se desencadear em dois outros elementos, o sentido e a referência. A 'necessidade' em Benveniste dá lugar a um processo de heterogeneidade, subdividido em polissemia e polifonia. Finalmente, a 'ideologização' em Bakhtin é desenvolvida a partir do estudo da essência sêmica, observando dois elementos, a saber, a metalinguagem e os traços estéticos. Em um quadro ilustrativo pode-se instaurar um possível processo de re-significação do signo lingüístico da seguinte forma:

Quadro 1 - Um processo de re-significação



Os elementos do quadro acima compõem o arcabouço teórico deste trabalho e contribuem para responder às questões acima, originadas de minha proposta inicial, ou seja, existiria a possibilidade de haver um processo de re-significação do signo lingüístico, convergindo para uma re-aprendência<sup>4</sup>.

## 6. O Signo: da significação para a re-significação – a contribuição de outros autores.

**6.1 Do processo de atributividade: o sentido e a referência.** O processo de atributividade instaurado nesta reflexão teórica é estudado com uma focalização voltada para as noções de sentido e referência, Guimarães(1995).

**6.1.1 O sentido e a referência.** Guimarães (1995), discute as fronteiras existentes entre a semântica e a pragmática, tratando, mais especificamente, do significado e da significação.

Em seu trabalho ele trata da história da semântica e comenta sobre a semântica formal, ressaltando que esta trata o sentido como uma relação com o mundo. Da teoria de Saussure (1916), Guimarães resalta que da língua, é excluído o subjetivismo, ou seja, o referente, o mundo, o sujeito e a história.

<sup>4</sup> A palavra 'aprendência' tem sido utilizada pelo teórico da lingüística aplicada, Hilário Bohn para diferenciar o processo de aprendizagem em uma perspectiva holística, da perspectiva tradicional, convencional e formal de educação. Na concepção de Santos (2000) a 'aprendência' seria, então, entendida, como o processo de interação com o conhecimento de forma dinâmica.

O autor também ressalta a relevância dos estudos de Frege (1892), na medida em que tiveram influência quando distinguiram sentido e referência, ou seja, o sentido seria um modo de designação e, a referência, o que se designa, sendo estes dois, objetivos, e, a representação, – a forma de entendimento do sujeito – subjetiva.

Guimarães procura trabalhar seu conceito de significação, partindo do que ele considera ser o 'exterior em Saussure'(p.65). Para ele, 'a significação é histórica' (p.66). Utilizando-se dos conceitos de discurso, interdiscurso e formações discursivas em Pêcheux e Orlandi (1992), ele define o sentido como sendo o efeito (grifo meu) da presença do interdiscurso e, por causa da intertextualidade, também presente no interdiscurso, o sentido tem materialidade e historicidade.(p.68)

Sobre 'referência' ele diz ser 'uma exterioridade produzida pela linguagem' (p.74), porém, sem se reduzir ao que dela é falado, pois é objetivada por meio de discursos confrontados.

O estudo de Guimarães vem contribuir para um processo de atributividade com as noções de sentido e referência, uma vez que a palavra, quando dita, pode possuir sentidos diversos, ou seja, por meio do interdiscurso, da materialidade e da historicidade, se pode produzir um sentido/efeito e, uma referência.

Observando as noções sobre o sentido e a referência defendidas acima, acredito poder inferir que o sentido estaria vinculado, portanto, à referencialidade polifônica do sujeito<sup>5</sup>, observados os elementos, interdiscurso, intertextualidade, materialidade e historicidade.

Esses elementos contribuem para uma possibilidade de evolução de um sentido literal – entendido como uma significação pré-fixada e (i)mutável/ arbitraria – para a noção de um sentido posto. Esse sentido posto seria uma significação mutável de acordo com a referencialidade polifônica de um sujeito, que é dialógico, histórico, ideológico e dialeticamente constituído, tanto em sua referencialidade, quanto em sua enunciatividade na interação discursiva.

A referência, por sua vez, entendida como 'uma exterioridade produzida pela linguagem' e, objetivada por meio de discursos confrontados, pode se tornar a representação de uma realidade, também construída pela referencialidade polifônica do sujeito que, ao produzir ou interagir com um determinado discurso, elabora para si essa realidade.

O sentido e a referência, como elementos de um processo de atributividade podem ser, assim, identificados em um processo de re-significação/re-aprendência, na medida em que se parte de um sentido posto para se construir sentidos e referências outras, que não os convencionais, ou seja, uma representação 'outra' de uma dada realidade.

---

<sup>5</sup> De acordo com Santos (2000) a referencialidade polifônica é o termo usado para indicar a heterogeneidade subjacente às bases discursivas do imaginário sociodiscursivo dos sujeitos.

**6.2 Do processo de heterogeneidade - a polifonia e a polissemia.** Para trabalhar um processo de heterogeneidade busco subsídios teóricos nas noções de polifonia em Brandão(1994), Machado (1995), Maingueneau (1996), Barros (1997) e Santos (2000). A noção de polissemia vem de Orlandi (1999).

**6.2.1 A polifonia.** Em Brandão (1994:91), a polifonia é entendida como “a qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do outro, de toda fala estar atravessada pela fala do outro”.

Já Machado (1995:314) trata a polifonia no romance como:

‘uma radicalização do processo de descentramento da linguagem. O discurso polifônico torna o romance uma manifestação multívoca, em que as mais diversas vozes sociais encontram um espaço de emissão. Entram na constituição da polifonia não só as vozes dos personagens representados como também as vozes dos gêneros”.

Quanto a Maingueneau (1996:86), este postula um conceito de polifonia tomado por empréstimo a Bakhtin e desenvolvido por Ducrot, a respeito dos textos literários em que, “no discurso de um mesmo enunciador é possível perceber várias ‘vozes”’.

Barros (1997:35), entende a polifonia como sendo também empregada “para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes”.

Por fim, Santos (2000 a), ao tratar da polifonia no discurso literário, entende que ela ‘contempla discursos outros que tecem o discurso ficcional, falas do mundo real que atravessam falas ficcionais’.

Observando-se as noções dos autores supracitados nota-se uma convergência em que a polifonia se constitui de ‘vozes’. Essas vozes podem ser percebidas no momento em que palavras estejam nas falas que se encontram atravessadas pelas falas do ‘outro’.

Ainda, podemos perceber a polifonia, quando um mesmo enunciador pode produzir um discurso com várias vozes, quando um dialogismo intra e interpessoal se faz presente, quando as falas permitem um espaço social de emissão e quando as falas do mundo real atravessam a ficção.

Assim, alguns aspectos observados nas vozes da polifonia seriam a presença de elementos como a ironia, a paródia, a metáfora, os traços estéticos, a antífrase, a alusão, entre outros. Esses elementos revelariam, como postulado pelos autores supracitados, ‘outras palavras’, ‘a tecitura de um discurso pelo outro’ e, quando se trata do discurso literário, ‘falas do mundo real que atravessam falas ficcionais’.

**6.2.2 A polissemia.** Tratando da polissemia, busco em Orlandi (1999:36), a noção de que o funcionamento da linguagem depende dela (da polissemia), dentre outros elementos. Ela seria um deslocamento (de sentidos), uma ‘ruptura de processos de significação’ jogando com o equívoco. Nela, seriam produzidos sentidos outros, com palavras já ditas. A polissemia, segundo a autora é, ‘justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico’.

A polissemia poderia ser analisada, observados o deslocamento, a ruptura de processos de significação, o jogo com o equívoco, os sentidos outros com ‘palavras já ditas’ e a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico.

Essa análise poderia ser feita, também, pela identificação dos elementos ironia, paródia, metáfora, traços estéticos, antífrase, e alusão, pontuados acima.

Os elementos de polifonia e polissemia, constituintes de um processo de heterogeneidade poderiam ser identificados em um possível processo de re-significação/re-aprendência<sup>6</sup>, observadas as ‘várias vozes’ – característica polifônica do discurso – e as rupturas de processos de significação, característica da polissemia.

**6.3 Do processo de ideologização<sup>7</sup>: a essência sêmica.** O estudo deste processo busca o trabalho de Santos (2000), que discute a constituição dos sentidos realizados pelos enunciados e instituídos pela enunciação. Para ele, existem elementos pontuais que permitem a compreensão dos sentidos e, ‘a materialização sêmica ocorre a partir da expressão da substância sentidural<sup>8</sup> dos significados gerados no processo enunciativo’. (p.35)

Dessa forma, os sentidos constituem, com a ação interagente do sujeito, a essência sêmica por um lado e, por outro, a enunciação contribui para uma interpretação dos efeitos de sentidos, a partir do enunciado.

O conceito de essência sêmica torna-se, então, constitutivo para a instauração dos sentidos. Para Santos, a essência sêmica é constituída de sentidos. O sujeito tem uma ação interagente na produção desses sentidos, ou seja, ele pode se utilizar de elementos como a metalinguagem<sup>9</sup>, os traços estéticos, entre outros, para produzir seu enunciado e, a enunciação pode possibilitar a interpretação dos efeitos de sentido a partir do enunciado.

---

<sup>6</sup> Veja item 7.

<sup>7</sup> A ideologização neste trabalho busca como referência a ideologia em Bakhtin, ou seja, a visão de separação de uma idéia e a condição histórica em que ela é produzida.

<sup>8</sup> Segundo Santos, p.36, ‘A substância sentidural diz respeito à essência sêmica resultante da unificação e individuação de uma meta, uma intenção e uma adequação histórica, concebidas na simultaneidade, na identidade e na genealogia de um processo interativo’.

<sup>9</sup> Entende-se aqui por metalinguagem a linguagem usada pelo enunciador para descrever ou explicar o dizer, por meio do próprio código da língua em uso.

Base semântico-estrutural de sentidos para constituir significados, a essência sêmica torna-se, assim, um conjunto de elementos combinados, constituído pelo sentido, pela projeção de efeito e pelo sentido velado.

Segundo o autor, ela também se refere a aspectos constituintes, componentes dos planos componencial, procedural e modular da natureza dos sentidos produzidos, tratando da atributividade e da expressividade e suas especificidades, respectivamente. A natureza dos sentidos, dessa forma, é mostrada por uma representatividade lingüística e uma pontualidade semântica.

Há também aspectos específicos relevantes para esse processo de re-produção de significação a saber, a especificidade que delimita espaços de significação para o sentido; a abrangência, introduzindo informações extralingüísticas que permitem a interpretação; a ocasionalidade, acrescentando um significado acessório ao sentido a partir das particularidades do contexto; e a virtualidade, contribuindo com as potencialidades de significação para o sentido.

Trabalhando também com aspectos gerenciadores, Santos destaca dentre eles: a representação formal estruturada, a gênese interpretativa direcionada e as restrições seletivas pontuais.

O autor também argumenta que o plano da projeção de efeitos do sentido na essência sêmica, está relacionado com a amplitude perlocucional (dependente da situação) do significado do sentido.

A anterioridade (historicidade) e a continuidade (enunciatividade) estariam, deste modo, aliadas à posterioridade, entendida como sendo as possibilidades potenciais de efeitos, provocados por um sentido, em contexto discursivo.

Finalizando sua reflexão sobre a produção dos sentidos, Santos aborda a constituição dos sentidos velados, que representam o “não-dito presente implícito de um sentido” (p.41).

O estudo de Santos sobre a essência sêmica revela um sentido com heterogeneidades, ou seja, um sentido literal que pode evoluir para um sentido posto, em um contexto situacional, sujeito às variações que esse contexto lhe apresenta.

Esse sentido posto estaria aliado às opções de uso dos sentidos feitas pelo indivíduo, em seu ato de enunciação, presentes, aqui, a polifonia e a polissemia.

O sentido posto seria, ainda, ideologicamente marcado, observadas a metalinguagem e os traços estéticos, estes, sendo vistos em nível de percepção sentidural, considerando-se os aspectos constituintes da essência sêmica citados acima, ou seja, os planos componencial, procedural e modular da natureza dos sentidos produzidos.

Existe, portanto, uma convergência dos aspectos constituintes da essência sêmica, percebidos na metalinguagem e nos traços estéticos, pela presença da atribuição de sentidos, das formas específicas de expressão e das particularidades dos sentidos expressados.

Dessa maneira, surge, então, a possibilidade de se constituir uma tessitura para um possível processo de re-significação do signo lingüístico.

Nessa perspectiva, a essência sêmica, por sua vez, nos revela um sentido com heterogeneidades, ou seja, um sentido literal que pode evoluir para um sentido posto, aliado às opções potenciais de uso dos sentidos pelo indivíduo em seu ato de enunciação.

No ato enunciativo estão presentes a polifonia e a polissemia. Em um contexto situacional esse sentido é ideologicamente marcado, observadas a metalinguagem e os traços estéticos, estando sujeito às variações que o contexto lhe apresenta.

Ao encerrar a discussão proposta por este trabalho acredito que um processo de re-significação do signo lingüístico poderia, dessa forma, responder as perguntas surgidas no decorrer deste estudo, ou seja, a identificação do sentido de uma palavra se daria por meio da observação de possíveis efeitos a partir da presença de interdiscursos. Esse sentido estaria sujeito a variações contextuais, observadas sua materialidade e historicidade.

A re-significação seria realizada por meio das opções potenciais de uso dos sentidos pelo sujeito, embutidas aí a polifonia e a polissemia.

A noção de valor poderia modificar o sentido de uma palavra, pois, o sentido, por meio das opções potenciais de significação, – disponíveis na referencialidade polifônica do sujeito – da materialidade e da historicidade, pode produzir ‘efeitos’ diversos.

A relação significante-significado e sentido poderia acontecer no momento em que o sujeito se utilizasse de opções potenciais de significação, disponíveis na referencialidade polifônica. Essa utilização, em um dado ato enunciativo, poderia produzir um sentido e um efeito em um contexto situacional.

A relação significante-significado e realidade também poderia ser identificada, no momento em que o sujeito se utilizasse das opções potenciais de significação, disponíveis na referencialidade polifônica, para representar uma dada realidade. Essa realidade poderia ser construída na enunciação, dada a anterioridade discursiva da referencialidade polifônica do sujeito.

A relação sentido e realidade poderia ser identificada quando o sentido, ao se instaurar como um efeito contextual e situacional, tornasse a realidade construída pelo sujeito também contextual e situacional.

As considerações acima trazem subsídios para se defender um processo de aprendizagem com características próprias, ou seja, não-convencionais, uma vez que um sentido posto que evolui de um sentido literal, aliado às opções potenciais de significação disponíveis na referencialidade polifônica do indivíduo, em um contexto situacional, e, ideologicamente marcado, está sujeito às variações que esse contexto lhe apresenta. Esse sentido pode, então, fazer parte de um processo de aprendizagem, em que o sujeito tem a oportunidade de interagir com a realidade.

**7. A (Re)significação e a (Re)aprendência.** Entende-se aqui por significação, um processo que envolve uma representação de uma dada realidade, por meio de signos lingüísticos, inseridos em um discurso em que o sujeito é parte essencial, pois é dele que parte o enunciado carregado de um valor, de um uso pontual e de uma ideologia.

A representação dessa realidade, – e aqui a considero em nível discursivo, ou seja, um nível relacionado à referencialidade polifônica do sujeito – é carregada de conceitos, definições, explicações, pontos de vista, entre outros elementos, o que seria uma materialidade lingüística para o desenvolvimento de um processo de aprendizagem.

Assim, haveria uma conjuntura sentidural na qual esse processo de aprendizagem se circunscreveria. Pode-se, então, delinear alguns elementos inerentes a ele, tais como: a) o interagir; b) a observação; c) a conceituação d) a pragmatização; e) a polemização; f) o posicionamento e g) a apreensão.

O interagir diz respeito à necessidade que o sujeito tem de se fazer conhecedor de elementos outros de sua 'realidade'<sup>10</sup> que, porventura desconheça. Esse contato se daria no momento em que o indivíduo pudesse interagir com esse(s) elemento(s), evocando, assim, uma representação outra dessa dada 'realidade'.

Já a observação se refere à capacidade de um sujeito em perceber como essa 'realidade' é apresentada, a fim de pontuar diferenças e semelhanças e, ainda, poder emitir um certo juízo de valor a seu respeito.

Quanto à conceituação, esta diz respeito a uma posterioridade de percepção, isto é, após serem estabelecidas inter-relações com esses outros elementos de sua 'realidade', o indivíduo teria condições de avaliá-los, classificá-los e por fim inferi-los, tornando-se capaz de apresentá-los a outrem.

Assim, uma idéia, uma opinião ou um ponto de vista sobre o que esses outros elementos representam como 'realidade' para o sujeito e seus locutores podem se constituir em práticas conceituais.

Torna-se relevante esclarecer, aqui, que o funcionamento dessas categorias não ocorre, apenas, no âmbito dos processos cognitivos. Meu enfoque, ao explicitá-las, é, principalmente, considerar o papel das mesmas enquanto referências intra-discursivas que o sujeito constrói em relação ao mundo ou em relação aos discursos com os quais interage. Refiro-me neste trabalho, a um nível discursivo, relacionado à referencialidade polifônica do sujeito, suas percepções de mundo e, sobretudo, como esse sujeito criva os sentidos do mundo para instaurar seus referenciais e transpô-los no processo de atributividade sentidural.

No que tange à pragmatização, esta diz respeito a uma seqüência advinda do contato, da observação e da conceituação, que podem motivar o

---

<sup>10</sup> Entenda-se o uso da palavra 'realidade' como uma representação construída a partir da referencialidade polifônica do sujeito que interage com o processo de significação do signo lingüístico.

sujeito a utilizar esse dito 'elemento outro da realidade' em um enunciado contextual.

A polemização, seria um 'pensar sobre' esse 'elemento outro'. O indivíduo pode fazer uma reflexão sobre esse 'elemento outro' e, uma vez tendo-o utilizado real ou virtualmente, poderá, então, emitir um juízo de valor para si a respeito da 'realidade' apresentada e, assim, se posicionar em um contexto situacional sobre ela.

Quanto ao posicionamento, este trata do lugar em que o sujeito vai circunscrever o conceito significado sobre a 'realidade' apresentada. Além disso, ele projeta possibilidades de construir enunciados, incorporando esse 'outro elemento' apresentado.

Por fim, a apreensão, que pontua como a 'realidade' é significada para o sujeito, em um contexto situacional específico. Para que a apreensão ocorra, torna-se necessária uma conjunção entre os elementos apresentados no recorte de 'realidade' e uma trajetória de captação (acuidade de percepção), de caracterização (possibilidade de detalhamento), de designação (potencial de classificação), de denominação (usos específicos) e de inferência (amplitude contextual) de sentidos no processo de significação.

Constituinte da significação, o sentido pode ser considerado como o resultado de efeitos de significação nos elementos de um discurso, ou seja, no contexto, nas possibilidades de sujeitos interagentes no processo enunciativo, no valor, no interdiscurso, na intertextualidade, na materialidade lingüística e na historicidade.

O sentido, então, incorporaria uma gama de contribuições desses elementos, além de estar sujeito a deslocamentos em sua significação, dependendo do ponto de vista e do lugar discursivo em que vai significar em um discurso.

Da interrelação entre os elementos (a-g) acima, instaura-se um processo de re-significação. Tal processo parte do princípio de que há uma referência de significação posta<sup>11</sup> na referencialidade polifônica do sujeito.

Quando essa referência está circunscrita em um processo interativo, está sujeita a deslocamentos de significados, transcendendo às suas próprias perspectivas de significação.

Colocando o exposto acima em uma lógica simbólica, acredito poder afirmar que a re-significação se daria no momento em que o sujeito pudesse atribuir um significado 'outro' a um signo (A), partindo de um significado (X) inicial, desse signo (A).

---

<sup>11</sup> Estou chamando de significação posta, neste contexto teórico, as possibilidades convencionalizadas de significação situadas em campos semânticos partilhados em uma dada comunidade de sujeitos falantes, o que não significa que esteja circunscrevendo tal significação, apenas, no chamado sentido literal.

Utilizando-se dos elementos relacionados à aprendizagem, esse sujeito pode ser capaz de visualizar e experimentar significar um signo (B), resultante de um significado (X1) vinculado a um significado (X) de um signo (A). Esboçando simbolicamente, teríamos o seguinte:

#### Quadro 2 – A re-significação

$$\text{Signo(A)} \Rightarrow X \quad \text{e} \quad \text{Signo(B)} \Rightarrow X1(X)$$

A re-aprendência, por sua vez, seria um processo que tem sua origem no sujeito, quando este exhibe em seu discurso evidências de seu próprio processo de aprendizagem, ou seja, quando ele, enquanto sujeito, demonstra por meio da instauração de uma re-significação, que interagiu dinamicamente com o conhecimento.

Essa interação pode ser identificada por meio da identificação de como os sentidos são atribuídos, como a referência é representada, como as vozes do discurso são identificadas, como se procede a um deslocamento de sentidos, como se produz um discurso que fala de outro discurso e como, em um contexto enunciativo, o discurso é apresentado.

Desse modo, o sujeito, ao se utilizar dos elementos advindos do valor, da necessidade e da ideologização, evoca um contexto situacional em que serão instaurados o sentido, a referência, a polifonia, a polissemia e a essência sêmica. A partir de uma interação processual entre esses elementos é constituído um processo enunciativo, ou seja, o lugar de onde esse sujeito quer significar, mais precisamente, o contexto e a natureza dos enunciados.

Os enunciados, por sua vez, serão crivados na referencialidade polifônica do sujeito, ao ceder espaço a um lugar de aprendizagem. Da mesma maneira esses enunciados vão representar um processo de re-aprendência quando deslocados<sup>12</sup>, apagados, silenciados e alterizados<sup>13</sup>, na instituição de uma re-significação.

Assim, trabalhando com o que seria neste trabalho um processo de re-significação do signo lingüístico comecei por considerar que essa re-significação se instaura a partir de uma percepção outra do sentido, dependendo do lugar discursivo em que essa outra significação ocorre

<sup>12</sup> Por deslocamento estou tratando do fenômeno da heterotropia, postulado por Foucault (1995), em que o autor estuda os sentidos sujeitos a deslocamentos de significação.

<sup>13</sup> Por alteridade trabalho aqui com a definição de Authier-Revuz (1982) em que ela a considera como sendo um imbricamento de discursos, o sentido podendo ser constituinte e/ou deslocado no discurso devido às especificidades enunciativas deste.

Dessa forma, existiria um espaço para um processo de re-significação, por meio de um processo de deslocamento, de atributividade e pela própria característica polifônica e polissêmica dos sentidos.

Esses sentidos seriam atravessados por um sentido posto que desloca sua significação para um sentido reconstruído na dinâmica do processo enunciativo, que seria o elemento motivador dessa re-significação.

Essa re-significação poderia ser resultante da interação do sujeito com a exterioridade histórico-social-ideológica, induzindo-o a crivar os sentidos postos, por força da tensão da interação, de seu próprio processo de alteridade, que o faz consciente/inconscientemente proceder a deslocamentos desses sentidos.

Esses deslocamentos poderiam levar a atribuições outras para esses sentidos. Essas atribuições, por sua vez, a diferentes vozes e significações em diferentes possibilidades e condições de produção discursivas. Isso se daria por meio de esquecimentos, apagamentos, silêncios e recriações, compondo dessa maneira, o que estou denominando re-significação.

A re-significação daria lugar a uma re-aprendência. A re-aprendência seria, assim, um processo que tem sua origem no sujeito quando este exhibe em seu discurso, evidências de seu próprio processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras Incertas**. trad. Eni Pulcinelli Orlandi (org.) Campinas:Ed. da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Trad. C. M. Cruz e J. W. Geraldi. IN: Cat. Est. Ling., Campinas, (19):25-42, jul/dez, 1990.

\_\_\_\_\_. **“Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours”**. In: DRLAV-*Revue de linguistique*, 26. Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, 1982, pp. 91-151.

AUSTIN, J.L. **Sentido e Percepção**. trad. Armando Manoel Mora de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes.1993.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. do Francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo:Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso.** In: BRAIT, B. (org.) Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.

BENVENISTE, Émile. **A subjetividade na linguagem.** In: Problemas de lingüística geral I. Campinas, SP: Pontes, Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Natureza do signo lingüístico.** In: Problemas de lingüística geral I. Campinas, SP: Pontes, Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **O aparelho formal da enunciação.** In: Problemas de lingüística geral II. Campinas, SP: Pontes, Editora da UNICAMP, 1989.

BORBA, F. S. **Introdução aos Estudos Lingüísticos.** São Paulo: Nacional, 1989.

BRAIT, Beth. org. **Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

CALVET, L. **Saussure: Pró e contra: para uma linguística social.** São Paulo: Cultrix, 1975.

CÂMARA JR., J. **Princípios de lingüística Geral.** Rio de Janeiro: Acadêmica, 1978.

CHARAUDEAU, P. **Une analyse sémiolinguistique du discours.** In: Langages 117. Paris: Larousse. Mars 1995a. pp.96-111.

CORACINI, M. J. R. F. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência.** São Paulo: Edusp, Campinas: Pontes, 1991.

CULLER, J. **As idéias de Saussure.** São Paulo: Cultrix, 1979.

DASCAL, M. (org). **Semântica.** Campinas: IEL, Pontes/Educ, 1982.

DERRIDA, J. **A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl.** Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

DUCROT, O. **O dizer e o dito.** Rev. Tec. Trad. Eduardo Guimarães; Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pressuposição e alusão.** In: Linguagem e Enunciação. Enciclopédia Einaudi, volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. **Actos lingüísticos.** In: Linguagem e Enunciação. Enciclopédia Einaudi, volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. **Referente.** In: Linguagem e Enunciação. Enciclopédia Einaudi, volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. **Princípios de Semântica lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **Dizível/Indizível.** In: Linguagem e Enunciação. Enciclopédia Einaudi, volume 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

\_\_\_\_\_. **Enunciação.** In: Linguagem e Enunciação. Enciclopédia Einaudi, volume 2 Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

EPSTEIN, I. **O signo.** São Paulo: Ática, 1985.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso.** 2a ed. São Paulo: Contexto, 1990.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas.** Trad. Salma Tannus Muchail. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 2a ed. Trad. Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Passagens, 1992.

\_\_\_\_\_. **Lógica e filosofia da linguagem.** São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978.

GUILHAUMAU, J. & Maldidier, D. **Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise de discurso.** IN: História e sentido da linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1989.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido um estudo histórico e enunciativo da linguagem.** Campinas: Pontes, 1995.

GUIRAUD, P. **A semântica.** São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1972.

HENRY, P. **Os fundamentos teóricos da “Análise automática do discurso” de Michel Pêcheux** (1969). IN: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux/org. F. Gadet; T. Hak; Trad. B. S. Mariani... [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1990.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo:Abril, 1975.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Isidoro Blikstein e outros. São Paulo: Cultrix, 1969.

KRISTEVA, J. **História da Linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LOPES, E. **Fundamentos de Linguística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1977

LUNGARZO, Carlos. **O que é ciência**. 5a ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. **As Idéias de Chomsky**. São Paulo: Cultrix, 1970.

MACHADO, I. A. **O romance e a voz: A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Fapesp, 1995.

MUSSALIM F. e BENTES, A. C. **Introdução à linguística**. Vols 1 e 2. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVA, A. (org.). **Epistemologia: a cientificidade em questão**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes. 1999.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1998.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1992

\_\_\_\_\_. **O que é lingüística**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PECHEUX, M. **Delimitações, inversões, deslocamentos**. Trad. José Horta Nunes. IN: Cad. Est. Ling., Campinas, (19): 7-24, jul/dez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, Estilo e Subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SANTOS, J.B.C. **Reflexões discursivas em torno da 'essência sêmica' dos enunciados e seu uso no ensino de produção escrita.** IN: MARI, H. (org.) *Categorias e Práticas de Análise do Discurso.* Belo Horizonte: NAD. 2000, pp. 35-41.

\_\_\_\_\_. **Lugares discursivos: influências no ensino e na escrita.** IN: *Revista Letras & Letras, Uberlândia, 15 (2) 37-51, jul/dez, 1999.*

\_\_\_\_\_. **A polifonia no discurso literário.** No prelo, a.

SAUSSURE, F. DE. **Curso de lingüística geral.** Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, 7a ed. São Paulo: Cultrix/USP, 1975.